



JORGE AMADO: AS CRÔNICAS INÉDITAS DE “HORA DA GUERRA”, O ANTISSEMITISMO

Márcio Henrique Muraca*
Universidade Federal de Uberlândia – UFU
henrymuraca@yahoo.com.br

Muitos estudos foram dedicados à obra de Jorge Amado (1912-2001), nascido na zona cacauzeira de Itabuna, estado da Bahia, cujo centenário em breve se celebra. De modo geral, a crítica divide a obra amadiana em dois momentos: romances de caráter ideológico até o final da década de 1950 – quando o escritor mantinha intensa militância sob viés stalinista – e romances populares, de colorido “sensual e apimentado”, a partir de então, sendo **Gabriela, Cravo e Canela** (1958) o marco desta virada.

A transformação de Amado em autor *best-seller* teve como resultado o afastamento da crítica de sua produção no que se refere, sobretudo, à amplitude de seus escritos. O trabalho do baiano como cronista é praticamente desconhecido e, possivelmente, nunca estudado na academia. A seleção de 103 crônicas da coluna “Hora da Guerra”, que Amado publicou entre 1942 e 1945, no jornal **O Imparcial**, de Salvador, só foi reunida em livro recentemente e, portanto, é material relevante para recuperar o posicionamento de Amado sobre temas da Segunda Guerra Mundial, como o antissemitismo na Europa e no Brasil, à Shoá (ou Holocausto). Na leitura dessas temáticas sob o olhar do escritor, é possível também resgatar a memória social de uma época, as ideologias que se impunham, os fatos que assolavam o mundo.

A compilação de crônicas, lançada em 2008 pela editora Companhia das Letras, foi organizada e selecionada por Myriam Fraga (diretora da Fundação Casa de Jorge Amado) e Ilana Seltzer Goldstein (antropóloga, autora de **O Brasil Best-Seller de**

* Mestrando em Teoria Literária pela Universidade Federal de Uberlândia, integrante do grupo Núcleo de Estudos e Pesquisas: Escritas da História na Literatura Brasileira (NELIRA) e bolsista FAPEMIG.

Jorge Amado). O título do livro, **Hora da Guerra**¹, é homônimo da coluna que Amado contribuiu naqueles anos candentes. As 103 crônicas selecionadas mostram um Jorge Amado contundente, militante, e, na análise de Boris Fausto² (que escreve o prefácio do livro), muitas vezes maniqueísta, de tom apaixonado e simplificador. Tudo isso justificável, no entanto, pelo calor daquele momento crucial da história e pelo sonho socialista, o qual Amado, naqueles anos, vivia e louvava. Motivações ideológicas à parte, hoje quase pueris, Jorge Amado clamou artistas e toda sociedade a um posicionamento em suas crônicas, nas quais se leem, por exemplo, “pontuais denúncias de maus tratos e torturas da Gestapo sobre o povo judeu”.³ Ele aponta:

Não é preciso repetir que o nazismo, acima de tudo, odeia a inteligência e a cultura. [...] Por que então os escritores todos, todos os artistas, os sábios e os poetas, não se atiram à luta real e decidida contra a ameaça da escravidão nazista que pesa sobre o mundo e sobre o Brasil? Por que alguns se deixam ficar, cômoda e criminosamente, perdidos em sonetos e em poemas, em inoportunas discussões de ordem estética?⁴

Ainda sobre as crônicas em si, com certa insistência, lembramos o material inédito de estudo que elas representam, e a provável existência de outros escritos acerca dos temas da Guerra (política-preconceito-perseguição), os quais levantam possibilidades ímpares de estudo da memória nacional e de um drama na história humana. Além disso, **Hora da Guerra** recupera, como se disse, uma diversidade de acontecimentos do período – lançamento, por exemplo, do livro **Fogo Morto**, de José Lins do Rego, o qual o cronista aproveita para criticar duramente Otto Maria Carpeaux (autor do prefácio do livro): “gênio fabricado pela ingenuidade provinciana de alguns críticos e subliteratos do Rio...”.⁵ A coluna abarcou de exposições, como a de Lasar

¹ FRAGA, Myriam; GOLDSTEIN, Ilana Seltzer. (Org.). **Hora da Guerra**. [textos de Jorge Amado] São Paulo: Cia. das Letras, 2008.

² A análise de Boris Fausto no prefácio de **Hora da Guerra** é essencial para a compreensão das motivações de Jorge Amado (ideologia comunista, unidade nacional, etc.) e servem como guia para reflexões sobre as crônicas. No parágrafo final do prefácio, ao justificar a mudança no posicionamento de Jorge Amado durante a vida, Fausto vai ao encontro das noções de pluralidade e descontinuidade: “num mundo e num país complexos como esses em que vivemos, manter as mesmas opiniões ao longo de toda vida quase sempre é índice de dogmatismo, e não de coerência”. FAUSTO, Boris. Olhares Cruzados. In: *Ibid.* p. 23.

³ PEREIRA, Kenia Maria de Almeida. Jorge Amado e os Sons da Polônia: Considerações sobre o Poema A Canção da Judia de Varsóvia. **História e Memória do Holocausto** – XV Jornada Interdisciplinar sobre o ensino da História do Holocausto, São Paulo, p. 80, 2010.

⁴ FRAGA; GOLDSTEIN, (Org.). 2008, op. cit., p. 32.

⁵ *Ibid.*, p. 201.

Segall, na crônica de 19/7/44, “Um Quadro de Segall”, a polêmicas, como a do médium Chico Xavier, na crônica “Literatura e Espiritismo”, de 19/8/44. O próprio Jorge Amado anuncia o seu São Jorge dos Ilhéus, na crônica “Aniversário da Hora da Guerra”, 23/12/43: “Sou por vocação um romancista e agora venho de terminar de escrever mais um romance”.⁶ Em meio a tais acontecimentos culturais, Jorge Amado faz denúncias do que ocorre no mundo e no Brasil. Sua voz se levanta em várias crônicas contra as mazelas dos governos totalitários que se espalhavam pelo mundo, como Mussolini, na Itália (“A Campanha da Sicília”, de 15/7/43), Ramírez e Perón, na Argentina (“Golpe Branco na Argentina?”, de 18/2/44) e mesmo contra ações desastrosas como a do governo Vargas, que não permitiu que um navio desembarcasse no país centenas de judeus refugiados, cujo resultado foi o sofrimento de famílias inteiras em razão da penúria que se encontravam (“Refugiados Políticos”, de 12/3/43).

Portanto, uma das temáticas abordadas nas crônicas de Amado é a da perseguição aos judeus na Segunda Guerra, os horrores da Shoá ou Holocausto⁷ a que esse povo foi sujeitado, sem nos esquecermos de outros perseguidos. O olhar de Jorge Amado sobre o antissemitismo e a condição dos judeus no período possibilitam a reflexão sobre temas que, ainda na contemporaneidade, cercam o humano, como racismo, totalitarismo,⁸ fundamentalismo e etnocentrismo, tão atuais que, no ano de 2010, o mundo assistiu à expulsão de ciganos romenos e búlgaros da França pelo governo Sarkozy, sem mencionar o constrangimento por que passam muçulmanos na Europa onde, em muitos países, são proibidos de usar símbolos religiosos.

Mais especificamente, no contexto nacional, “o judeu” em terras tropicais,⁹ esses “eternos caminhantes”, é uma fonte de estudos que propicia reflexões sobre sua

⁶ FRAGA, Myriam; GOLDSTEIN, Ilana Seltzer. (Org.). **Hora da Guerra**. [textos de Jorge Amado] São Paulo: Cia. das Letras, 2008, p.27.

⁷ Shoá, muitas vezes, é traduzido imprecisamente como Holocausto. Cabe aqui uma distinção, apesar de ambas as palavras serem empregadas para explicar um mesmo fenômeno. *Shoah*, palavra hebraica que significa destruição, ruína, calamidade (Cf. Bíblia Sagrada Isaías, 10:3), é utilizada em Israel para designar o extermínio dos judeus na Europa nazista. Holocausto, do grego *holókauston*, significa sacrifício em que a vítima era queimada inteira. Entre os antigos hebreus possui o mesmo significado. CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. **Holocausto** – Crime contra a Humanidade. São Paulo: Ática, 2000, p. 5.

⁸ Obra clássica, essencial, sobre o assunto: ARENDT, Hannah. **Origens do Totalitarismo**. Tradução de Roberto Raposo. São Paulo: Cia. das Letras, 2007.

⁹ A **Revista de História da Biblioteca Nacional**, número 58, ano V, julho de 2010, tem como matéria de capa um dossiê intitulado “Judeus no Brasil – Terra Prometida nos Trópicos”. Os artigos cobrem desde os primeiros cristãos-novo que aqui chegaram (artigo de Angelo Adriano Faria de Assis, “A Torá na Terra de Santa Cruz”), passando pela comunidade no Recife (Leonardo Dantas Silva, “A

condição no contexto nacional, sobretudo no governo Vargas. Uma importante obra sobre tal questão é o livro de Maria Luiza Tucci Carneiro, **O Antissemitismo na Era Vargas**. Fartamente documentado, a obra é fundamental na compreensão do termo judeu no período, não só a visão e ação oficial como o preconceito que se disseminou na sociedade, estendido a outros grupos. Em recente artigo, Carneiro atualiza a relevância do estudo e entendimento sobre as questões aqui pretendidas:

Apesar dos movimentos sociais comprometidos com a luta contra a negação do Holocausto e o combate da intolerância, multiplicam-se pelo mundo – incluindo aqui no Brasil – os grupos neonazistas, os sites de exaltação ao nazismo, os atos de xenofobia e intolerância religiosa, racial ou étnica.¹⁰

Nesse sentido é que, muito além de um esclarecimento fechado sobre a verdade da Shoá, calcado no cronológico, concebido sob causa e efeito, deve existir a metáfora-trauma daquilo que não deve ser repetido, reeditado, reproduzido. Os limites da barbárie, as consequências de regimes totalitários, as ideias racistas certamente são temas que emergem quando dos estudos sistemáticos sobre o genocídio, a execução de povos e grupos, o antissemitismo.¹¹ Por essa mesma via que Berta Waldmann nos introduz a literatura (no gênero crônica, neste caso) como modo singular de oferecer uma narrativa que a história provavelmente não tem meios de enredar diante de fragmentos, estilhaços de verdade, memórias de dor, silêncio dos massacrados:

[...] há aqueles que argumentam (entre eles eu me incluo) que se a vivência da barbárie do século XX coube a alguns milhões de seres humanos, a experiência do extermínio é de todos nós. E só a literatura poderia desafiar a intraduzibilidade do Holocausto, transmitindo-a de maneira mais cabal. [grifos da autora]¹²

Impossível se torna, da mesma forma, qualquer comentário sobre a Shoá sem recorrer às noções de **poder, memória e identidade**¹³. Mais ainda, se se pretende tomar

Comunidade do Arrecife”), a abertura de 1810 (Keila Grinberg, “Culto Tolerado”), o contexto no governo Vargas (Fábio Koifman, “Pelos Gerações Futuras”), o sionismo e a criação do Estado de Israel (André Castanheira Gattaz, “Um Estado Dividido”), além de vários quadros cronológicos sobre a questão e uma entrevista com o jornalista Alberto Dines, de ascendência judaica.

¹⁰ CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. Nazismo e Antissemitismo, Teorias e Práticas da Exclusão. **História e Memória do Holocausto** – XV Jornada Interdisciplinar sobre o ensino da História do Holocausto, São Paulo, p.2, 2010.

¹¹ Ibid., p.3.

¹² WALDMANN, Berta. O Holocausto na Literatura Brasileira: Uma Anatomia da Memória. In: Ibid, p.88.

¹³ A noção de identidade, sob um certo viés, evoca raça, nacionalidade, pertencimento, cultura, comunidade. A memória individual relaciona-se com a coletiva por meio de todas essas noções. A

a literatura como forma de pensar um momento que transcende fatos e acontecimentos, mito e ficção, para simbolizar a barbárie humana, justificada muitas vezes pelo racismo, usado por imperialistas, totalitários como “instrumento de domínio” e “ideia política”.¹⁴

Muitos lugares de memória, em tal lógica de imposição, podem ser aniquilados em um regime que controla ao excluir. O livro, por exemplo, como memória cultural – sob diversos suportes – tem sido destruído na história da humanidade. A queima de livros em Berlim, em 1933, é exemplo preciso de “memoricídio”¹⁵ de uma cultura. Na crônica de 4/4/1944, Jorge Amado escreve sobre o tema, motivado pelas:

[...] fogueiras de livros que o fascismo argentino levanta nas ruas de Buenos Aires. O **Times** de Londres ressaltava, no telegrama sobre o assunto, a identidade de métodos entre Perón e Goebbels.¹⁶ Para o argentino, como para o alemão, a cultura significa o inimigo. Livros devem ser queimados, escritores devem ser encarcerados, torturados, fuzilados.¹⁷

Com estilo direto, candente, Amado marca os vários temas que afloram em um período definidor da história da humanidade. Da queima de livros como extermínio de um povo à alma aniquilada de indivíduos que perderam o “que até o mendigo mais humilde possui: um lenço, uma velha carta, a fotografia de um ser amado... um ser vazio... esquecido de dignidade e discernimento”.¹⁸ Jorge Amado, em crônica de **Hora da Guerra**, de 31/12/1942, intitulada “A Poesia também é uma Arma”, lembra aquele

[...] velho de mais de oitenta anos, Sigmund Freud, que havia reformado a psicologia moderna, foi salvo do muro de fuzilamentos

pergunta “quem é você?”, imediatamente, contrapõe-se à “quem é o outro?”. Relações e forças de poder se estabelecem muito de tais conceitos. Identidade (quem sou eu?) e memória (o que se passou?) tornam-se problema quando se pretende *uma* verdade histórica, precisa. A ficção, por sua vez, tem força única para transformar esse “problema” em conflito narrativo, sem deformar fatos ou acontecimentos a ponto de total inverossimilhança. Sobre identidade, ver a obra de Zygmunt Bauman, cujo livro **Identidade** é imprescindível. Sobre poder, os estudos de Michel Foucault, tais como as obras clássicas **Vigiar e Punir** e **Microfísica do Poder**.

¹⁴ ARENDT, Hannah. **Origens do Totalitarismo**. Trad. Roberto Raposo. São Paulo: Cia. das Letras, 2007, p. 225.

¹⁵ Termo do venezuelano Fernando Báez. Ver: BÁEZ, Fernando. **História Universal da Destruição dos Livros**. Tradução de Léo Schlafman. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

¹⁶ Joseph Goebbels, ministro da Propaganda nazista e mentor da destruição dos livros em 1933, ironicamente, foi estudante de filologia na Universidade de Heidelberg.

¹⁷ FRAGA, Myriam; GOLDSTEIN, Ilana Seltzer. (Org.). **Hora da Guerra**. [textos de Jorge Amado] São Paulo: Cia. das Letras, 2008, p. 204.

¹⁸ LEVI, Primo. **É Isto um Homem?** Tradução de Luigi Del Rel. Rio de Janeiro: Rocco, 1988, p.25.

pela democracia inglesa. Mas o abalo moral e os insultos sofridos mataram Freud quase em seguida. Sem pátria, ele não resistiu.¹⁹

Sem melindres, ele pontua as expulsões de gênios, “entre gargalhadas bestiais” dos “monstros da Gestapo”: Thomas Mann (por “ser filho de mãe brasileira e não ter, por consequência, um puro sangue ariano”), Einstein (que “ia à frente dos fugitivos da inteligência e da cultura”), Ludwig e Zweig (“que depois iria se matar”)²⁰.

O prefácio de **Hora da Guerra** de Boris Fausto é esclarecedor no que diz respeito ao Jorge Amado dos anos 40. Seu engajamento como escritor, representante dos ideais do sonho comunista, seu maniqueísmo (mal supremo x bem supremo), o louvor a Stálin, ao conceito de unidade, tanto nacional quanto mundial, sem divergências, sua ambiguidade ao governo Vargas, tudo isso caracteriza um posicionamento de quem está no olho do furacão. Distanciados, hoje, podemos olhar para esse Jorge Amado e companheiros de luta não como incoerentes. De outro modo, podemos refletir sobre a contemporaneidade por meio de escritos de uma época-metáfora da história não só de um povo, mas de toda raça humana.

Como escrevem as organizadoras Myriam Fraga e Ilana Seltzer Goldstein na apresentação do livro, as crônicas de Amado deixaram um precioso conjunto de centenas de textos de valor histórico. São memórias de um período que exalam “o calor da hora”, revelando as facetas do autor e uma miríade de acontecimentos da época.

RESENHA RECEBIDA EM 05 DE MARÇO DE 2011. APROVADA EM 15 DE JULHO DE 2011

¹⁹ FRAGA, Myriam; GOLDSTEIN, Ilana Seltzer. (Org.). **Hora da Guerra**. [textos de Jorge Amado] São Paulo: Cia. das Letras, 2008, p.31.

²⁰ Ibid.